Umberto Eco: cada vez mais atual

Conhecido por best sellers como “O Nome da Rosa”, “O Pêndulo de Foucault” e “O Cemitério de Praga” o italiano Umberto Eco (1932-2016) é um daqueles escritores que desenvolveram uma carreira acadêmica, paralelamente ao sucesso literário. Desde o início do milênio Eco advertia que o advento da Internet poderia ter como efeitos colaterais a proliferação de uma cultura superficial e medíocre. Em uma entrevista à Revista Veja, ainda no ano de 2000, o escritor estabelecia que o desafio de nossa sociedade não seria mais ter acesso a informação, mas, sim, separar o joio do trigo. Esta é a proposta de seu “Como se faz uma tese”, recentemente reeditado na língua inglesa e objeto de uma interessante resenha da Revista The New Yorker (“A Guide to Thesis Writing that is a Guide to Life”, disponível em www.newyorker.com) A resenha aponta que, para Eco, a busca pelo conhecimento pode ser um processo de auto-realização pessoal, no qual o processo de pesquisa e de escrita nos habilita a compreender melhor o mundo fora de nós mesmos e forjar nossa identidade. De minha parte, mesmo quase vinte e cinco anos depois de ter lido o livro pela primeira vez, lembro de cor algumas dicas e as utilizo em minhas aulas e orientações.
Quando estudo os desafios trazidos pela inovação, percebo com tristeza que a padronização predominante em nossa sociedade tornou a inteligência artificial uma ameaça. Mas a busca pelo conhecimento pode ser o antídoto da doença de nosso século. Por isso, um livro escrito ainda no tempo da máquina de escrever tal qual “Como se faz uma tese” ainda permanece atual.